

Domando as inclinações más

Claudio C. Conti

Uma das principais funções da Doutrina Espírita é promover a transformação íntima do indivíduo. Incessantemente podemos observar os seus divulgadores nos exortando a buscarmos a própria renovação, controlando o temperamento muitas vezes arredo.

Algum tempo depois dos primeiros contatos, encantados pelas retóricas e textos espíritas, decidimos por iniciar o processo de superação das deficiências. Porém, o trabalho não é tão fácil como parece a primeira vista. Por mais que se busque controlar reações agressivas ou abusivas, conversações de teor negativo ou pejorativo, manter a calma diante de situações adversas, nos vemos repetindo as mesmas atitudes de tantos anos.

A imagem de um anjinho falando a um ouvido enquanto um diabinho fala ao outro, embora alegoricamente, descreve muito bem o conflito vivenciado por aquele que busca o aprimoramento pessoal. A figura do anjo representaria suas intenções de renovação, enquanto que a figura do diabinho seria a representação dos antigos hábitos dos quais se deseja desvencilhar.

Com o passar do tempo, frustração após frustração, pensamos em desistir; nos considerando um caso perdido, surge o sentimento de depressão. Muitas vezes, diante de conferencistas pouco hábeis, sentimos como se um dedo acusador fosse apontado diretamente em nossa direção, criticando nossos atos, sem o mínimo de consideração com os nossos sentimentos.

Contudo, amarguras e desilusões não são necessárias. Em primeiro lugar, é preciso estar ciente que a desistência não é a melhor solução, especialmente por que tal atitude poderá apenas adiar para um futuro não muito longínquo algo que deve ser feito, afinal, a transformação do planeta para um mundo melhor está batendo em nossas portas e, caso não consigamos acompanhar, ficaremos para trás. Conforme consta no O Livro dos Espíritos [1], o homem pode até embarçar a marcha do progresso, porém, não poderá detê-la.

Para uma compreensão de assunto tão intrigante e urgente e, assim, estarmos em melhores condições de controlar nossos atos e pensamentos de uma forma eficiente e adequada, é preciso um entendimento dos mecanismos que estão por trás dos processos que nos conduzem a reagir da forma como o fazemos.

Segundo teoria proposta por C. G. Jung, psiquiatra suíço, considerado o pai da psicologia analítica, existe na nossa psique, isto é, no campo mental, o que ele denominou de complexos e arquétipos.

Embora uma descrição simplificada deste assunto dificilmente corresponderia a realidade em sua totalidade, a definição que segue servirá apenas como uma pálida idéia para podermos dar prosseguimento ao estudo.

Em linhas gerais, poderíamos dizer que os complexos seriam todo conteúdo psíquico que não foi devidamente trabalhado pela psique e se situam na região do inconsciente pessoal, enquanto que os arquétipos seriam o conteúdo do inconsciente coletivo

É preciso ressaltar que os termos "pessoal", relativo ao próprio indivíduo, e "coletivo", relativo a todos os seres vivos em todas as épocas, são denominações dadas pelo próprio Jung. Segundo Joanna de Ângelis, na análise da teoria psicológica apresentada no livro Triunfo Pessoal [2], o que foi denominado de "coletivo" representaria, na realidade, o conteúdo mental adquirido pelo indivíduo em encarnações anteriores a atual. Tal consideração estaria inteiramente de

acordo com o processo evolutivo através da reencarnação. Sob este aspecto, tanto os complexos quanto os arquétipos seriam, portanto, relativos ao próprio indivíduo.

Segundo este raciocínio, os complexos surgiram durante a encarnação atual enquanto que os arquétipos tiveram origem durante experiências reencarnatórias anteriores.

No intuito de formar uma idéia, mesmo que não represente exatamente a realidade ainda desconhecida, podemos imaginar a psique como uma esfera energética formada pelas aquisições do espírito ao longo de sua existência, caracterizando, assim, sua individualidade. Esta esfera seria de dimensão equivalente ao nível evolutivo e nela existiriam alguns pontos que causariam perturbação no campo de energia. Estes pontos seriam devido às más tendências e ações que estariam em desacordo com as leis de Deus.

Quando cedemos a determinados impulsos, decorrentes de um estímulo qualquer, sejam palavras que ouvimos ou atos que assistimos, os complexos como que se ativam. Em outras palavras, a perturbação no campo é aumentada devido ao recebimento, ou melhor, uma disponibilidade maior de energia para o complexo referente ao estímulo em questão, exercendo sua ação sobre o indivíduo, que muitas vezes não consegue controlar.

Embora muitas pessoas se ressintam por estes momentos em que perdem o controle sobre si mesmas, para outros tantos indivíduos lhes é agradável a qualidade da carga de energia que é liberada quando um determinado complexo é estimulado. Nestes casos o indivíduo se compraz com o desvio de conduta de que é vítima e o acalenta.

Os complexos, quando ativos, isto é, quando assimilam energia, se tornam entidades com propriedades autônomas, a vontade do indivíduo não é suficiente para controlá-los, e assumem o controle da situação, por isso, Jung diz que “os complexos podem ter-nos” [3].

Podemos resumir o que foi apresentado até o momento da seguinte forma: Ao receber um estímulo de certa natureza, que dependerá da essência de cada um, o indivíduo disponibiliza, inconscientemente, uma quantidade de energia que será imediatamente enviada para o complexo cuja origem jaz em atitudes tomadas, ao longo da existência, diante de situações semelhantes.

É imprescindível reconhecer que tal comportamento, e outros, têm sua origem no princípio da escalada evolutiva, por isso, sua existência é natural, porém, na atual condição, deverá ser controlado até que, ao atingir a maturidade espiritual, desaparecerá por completo.

Cientes de que tais ações e reações são devidas a sua infundável repetição, é possível conceber que será necessário que as tentativas de controlá-los também sejam repetidas diversas vezes, até que, por fim, sejam subjugados.

Todavia, ainda resta a questão de como realizar, ou melhor, exercitar o controle sobre os complexos e arquétipos.

Um grande equívoco, o qual surge naturalmente, é tentar controlar a reação em si; tal procedimento é um caminho certo para o insucesso, pois o complexo específico já se encontra ativado e, por isso, é muito difícil de ser controlado. A forma mais eficaz de exercer um domínio sobre a forma como vamos reagir a um estímulo qualquer é controlar o envio de energia para o complexo.

Embora possa parecer complicado, o processo é relativamente simples, requerendo menor esforço do que se pensa, dependendo apenas de um exercício para atingir o mínimo de autoconhecimento, contudo, mesmo assim, será necessário esforço e empenho.

Estando atento para os acontecimentos da vida cotidiana, inicia-se o processo de correlação entre estímulo e reação. O estímulo desencadeará a liberação da energia que será canalizada para o complexo correspondente. Após algum tempo será possível prever a forma

como reagiremos ao sermos incitados por alguém ou algo e, a partir deste momento estaremos em condições de iniciar o reajustamento mental e, conseqüentemente, comportamental.

Sabendo antecipadamente que estaremos prestes a realizar algo que não desejamos, poderemos, então, inibir gradativamente a liberação de energia e, com isso, também gradativamente, o complexo irá recebendo doses cada vez menores desta energia, até que chegará o momento que não estará mais em condições de emergir, tal qual um vulcão adormecido até que se torne extinto.

A correção das más inclinações não é tarefa fácil, porém necessária. É preciso ter sempre em mente que *reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más* [4].

Referência:

[1] A. Kardec; “O Livro dos Espíritos”; 76^a edição, FEB, 1995, questão 781.

[2] Joanna de Ângelis, “Triunfo Pessoal” (Psicografia de Divaldo Franco) Editora LEAL, 1^a edição, 2002, pg. 23.

[3] C. G. Jung, “A Natureza da Psique”, Editora Vozes, 5^a edição, 2000, pg 30.

[4] A. Kardec, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XVII, item 4.